



RE  
TA  
LHOS

~~LO~~ LEANDRO LOBO

# RETALHOS

LEANDRO LOBO

Portfólio desenvolvido para a disciplina de *Escrita Criativa* (CINEMA UFSC), orientado pelo professor Márcio Markendorf.

Dezembro de 2016.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
AUTORIA EM SÉRIE	5
FLORESTA 51	9
INVASOR NU	14
LEIA-ME ANTES DE IR EMBORA	16
LETTUCEBOY	18
O INQUIETANTE FIM DO MENINO GALINHA	19
PROLE E PROLETARIADO	21
URSUS	25
ROTEIRO: INSURGÊNCIA	26
ROTEIRO: SÍNDROME DE GLOBO	29

## INTRODUÇÃO

O processo criativo deste portfolio foi também um processo de autodescobrimento. Nunca tive o hábito de escrever narrativas, mas neste semestre fiz vários experimentos nessa área, com a orientação do professor Marcio Markendoff. Confesso que alguns desses experimentos não produziram bons resultados, porém houveram textos de minha autoria que realmente me surpreenderam com a qualidade alcançada. Minha evolução durante o semestre foi notável, e o medo de escrever foi aos poucos sendo erradicado. Descobri que tudo o que preciso para escrever um bom texto é começar a escrevê-lo. Uma vez começado, o ritmo da escrita se acelera continuamente. Às vezes as ideias “travam”, mas aprendemos técnicas para combater esse empecilho, e sei que agora tenho mecanismos efetivos para desenvolver narrativas interessantes.

## AUTORIA EM SÉRIE

Stephanie já estava aguardando naquela micro sala de espera há 20 minutos. Tudo era velho e enferrujado. Inclusive a secretária, que há 20 minutos tinha falado que Daniel Souza – o editor chefe – estava em reunião. Stephanie sabia que ele só a estava fazendo esperar para passar uma impressão de homem de negócios ocupado, e ele sabia que ela estava lá por que era sua ultima opção. Ela não sabia o que a incomodava mais: a visão da secretária mascando a dentadura ou o barulho do relógio na parede. TIC TAC. Ela sempre odiou relógios. TIC TAC. As paredes sujas pareciam se aproximar cada vez mais. TIC TAC. Começou a achar que toda a sua maquiagem estava borrada e seu cabelo bagunçado. TIC TAC. Pegou o espelhinho na sua bolsa e checou. TIC TAC. Estava tudo bem, sua pele branca não estava manchada e seu cabelo castanho estava penteado. TIC TAC. A porta abriu e Daniel estava ali, parecia estar mais gordo e mais loiro do que a ultima vez que ela o viu, se é que isso é possível. Ele disse:

-Por favor, entre.

Ela entrou na sala do editor. Mal se sentou na cadeira e já perguntou:

-Você leu?

-Li. – ele respondeu enquanto se sentava.

-E então?

-Não posso publicar isso. Ninguém ia comprar. É interessante, mas não é comercial o bastante.

-Eu posso fazer alterações na historia. Deixar ela mais dinâmica. Se você me der mais algumas semanas...

- Francamente, ninguém publicaria um livro sobre um poeta fictício que vai a loucura por ter medo do tempo. É muito depressivo. – interrompeu Daniel.

Stephanie ficou em silencio com uma expressão decepcionada. Daniel a consolou:

- Você é uma ótima escritora. Não pode deixar isso te desencorajar. Já comece a planejar sua próxima historia.

-Tudo bem, eu vou voltar pra casa e começar um novo projeto.

- Já tem algo em mente?

- Sim. Uma narrativa sobre um assassino em serie.

- Olha, Stephanie, eu sei que você deve ter passado por muita coisa para produzir esse manuscrito. Eu conheço o seu processo criativo. Deixe-me comprar o manuscrito. Para que seu trabalho não tenha sido em vão. E como um incentivo para seu próximo trabalho.

- Tudo bem, Dan. Que tal 2000 reais?

- 1500.

- 1800?

- Stephanie, eu estou comprando um manuscrito que não pretendo publicar. Estou te fazendo um favor. Não posso pagar mais que 1500.

- Tudo bem então. Negócio fechado.

Daniel escreveu um cheque para ela com uma caneta tinteiro preta. Imprimiu um contrato que já estava pronto, apenas mudou o valor que pagaria pelos direitos autorais do manuscrito. Ele entregou à Stephanie o contrato e a caneta tinteiro. Ela ficou obcecada pela caneta por alguns segundos. Aquele instrumento simbolizava a morte de uma narrativa. Assinar aquele papel e desistir do seu projeto era muito difícil. Ela preferiu assinar sem ler, para acabar com o sofrimento o mais rápido possível. Pegou a sua copia do contrato e a colocou na bolsa juntamente com a caneta. Afinal de contas, se aquele gordo podia lhe tirar seu sonho, ela podia tirar a caneta dele. Ele não percebeu o pequeno furto - que para a escritora carregava um peso simbólico. Ela carregaria aquela caneta no bolso para se lembrar do gosto do fracasso. Eles se despediram e ela foi para a casa.

Após alguns meses em isolamento tentando alinhar sua percepção de mundo a de um sóciopata, Stephanie estava apática. Seu gato, que antes era como um filho para ela, agora não lhe importava mais. Ela frequentemente esquecia-se de dar ração a ele, e as vezes se pegava imaginando como seria machuca-lo. Ela já tinha a estrutura da historia montada em seus rascunhos. Era relativamente simples. Seria ambientado em Londres. O protagonista seria um homem de negócios chamado Larry. Larry descobriu um ótimo jeito de aliviar o stress do trabalho: o assassinato violento de pessoas inocentes durante a madrugada. Para não ser pego, ele se guiava através dos jornais. Toda manhã, lia as noticias tomando uma xicara de café para ver se a policia tinha alguma pista sobre o assassinato da noite anterior.

Ela não tinha decidido a arma com a qual Larry cometeria seus crimes. Pelo amor de deus, ela já tinha até decidido o clímax da história: a prisão do serial killer em frente ao Big Bang, ao som das doze badaladas da meia noite. Pegou um cigarro e colocou na boca. Enfiou a mão no bolso a procura de um isqueiro. Sentiu uma dor no indicador, como se algo a tivesse picado. Retirou rapidamente a mão do bolso, seu dedo tinha um corte profundo que não parava de sangrar. Ela tinha se cortado com a caneta tinteiro. “É isso.” Ela pensou. A arma usada nos crimes seria uma caneta tinteiro. É afiada. É completamente compreensível que um homem de negócios carregue uma. Sem contar na violência necessária para matar alguém com uma caneta. Ela sentiu prazer enquanto imaginava a caneta entrando repetidamente em um pescoço. O som. A consistência da carne. Os esguichos de sangue. Era perfeito.

Decidiu que era hora de largar os rascunhos e começar a escrever o manuscrito. Passou horas trabalhando. Escreveu por quase toda a manhã. Resolveu fazer uma pausa e tomar um café. Saiu de casa e foi até a padaria da esquina. Estava tomando um café preto e decidiu folhear o jornal do dia. Cuspiu o café ao ler: LIVRO “O POETA ANACRÔNICO”, DE DANIEL SOUZA BATE RECORDE DE VENDAS. Levantou-se, jogou o dinheiro do café no balcão e saiu correndo. Ela foi direto para a editora.

Entrou novamente na sala de espera. A secretária pré-histórica estava lá. Tudo estava igual. Mas dessa vez ela não ia esperar. Entrou na sala de Daniel sem pedir permissão enquanto a velha ligava para a segurança. Ele estava de costas para a porta falando no celular. Tirou o celular da orelha e falou sem se virar:

-Pedi para não ser incomodado.

-Você roubou meu livro!- gritou Stephanie com a cara vermelha de raiva.

Ele se virou de olhos arregalados. Mas logo se acalmou e falou serenamente:

-Não roubei nada. Você assinou um contrato desistindo de seus direitos autorais, o manuscrito pertence à editora. Eu estou dentro da lei. Agora vá embora antes que eu chame a polícia. Você está invadindo meu escritório. E me devolva minha caneta, eu vi você roubando. Sua cleptomaníaca.

Ela começou a chorar. Colocou a mão no bolso e tirou a caneta. Ela estendeu a mão para ele pegar. No momento que Daniel se aproximou, o relógio de uma igrejinha próxima começou a tocar as doze badaladas do meio dia. A mão dela se fechou na caneta.

-AAAAAAAAAAAAHHHHHHHHHHHHHHH!- ela gritou.

Stephanie fincou a caneta no pescoço dele. Daniel arregalou os olhos novamente e tentou gritar, mas se afogou em sangue. Sua gravata agora estava vermelha. Stephanie puxou a caneta e sentiu um jato de sangue quente em seu rosto. Enfiou a caneta de novo com mais força. Ele caiu no chão se debatendo. Ela pulou em cima dele e continuou a perfura-lo com a tinteiro em movimentos repetitivos. Cada vez mais rápido e mais forte. A porta se abriu: eram dois seguranças. Eles ficaram chocados com a cena por um momento. Stephanie não notou os homens uniformizados e continuou em seu transe assassino. Depois de dois segundos o choque passou e eles entraram em ação. Os dois tiveram muita dificuldade de tirar ela de cima do corpo obeso no chão. Sorrindo e coberta de sangue, com um segurança segurando cada braço ela gritou:

-Eu sou o poeta. Eu sou Larry. Eu sou a autora.

*\*Conto de vingança com Mis em Abyme*

Clarice acordou com o telefone tocando. Um pouco desorientada por causa da ressaca se sentou na cama, tirou os cachos morenos do rosto e acendeu um cigarro. O telefone tocou de novo.

- Já vai. Já vai.

Ela levantou, colocou os chinelos e andou até o telefone.

-Alo.

-Clarice? É a Maria aqui da redação.

-Oi Maria. Tudo bem?

-Por aqui tá a mesma correria de sempre. E aí na terra da rainha?

-Garota, to numa ressaca. Ontem fui no show de uma banda bem massa: The Wailers.

-É rock?

-Não, é um som bem diferente e calmo. Nunca vi nada igual. Vamos parar de enrolar. Por que você tá me ligando?

-O chefe pediu pra você tirar umas fotos. Pra uma matéria da semana que vem. Você vai entrevistar o Stanley Kubrick, e tirar umas fotos dele.

- Ele está aqui em Londres?

-Não, você vai ter que ir à locação que ele está produzindo o novo filme dele. A entrevista é sobre o filme em produção: Barry Lyndon. Dê uma lida no livro do Shakespeare que ele é inspirado.

-Ok. Onde é a locação?

-É no meio da floresta, nós contratamos um motorista pra te levar lá. Ele passa no seu hotel às três da tarde. Esteja pronta.

- Combinado. Até o final do dia eu coloco o material no correio. Tchau.

Ela desligou o telefone antes que Maria pudesse se despedir também. Tomou um banho. Escovou os dentes. Colocou sua calça boca de sino e uma camisa jeans. Pegou sua câmera Olympus Trip 35 e saiu do quarto do hotel. Passou na livraria comprou uma copia de “As memórias de Barry Lyndon” e depois passou por um estúdio para comprar alguns filmes fotográficos. Tudo a tempo de encontrar o motorista a esperando na frente do hotel.

Entrou no carro e disse que não estava muito a fim de conversar. O motorista insistiu. Não parava de falar dos gols não feitos por Pelé no México e como os brasileiros tinham sorte de ter um jogador desses. Clarice até tentou ignorar, mas em certo momento se irritou e gritou com o motorista.

-Cara para de falar merda. A gente não tem sorte de nada. Nesse momento tem um monte de gente morrendo de fome no Brasil. O nosso governo é uma ditadura tirânica que mata e tortura. Ninguém pode ser diferente ou pensar diferente. Quem tenta falar algo desaparece. Você tem alguma noção de como é morar em um país nessa situação?

O motorista ficou em silencio com uma expressão confusa. Clarice percebeu que tinha gritado com ele em português e o coitado não entendeu nada. O resto da viagem foi constrangedora e silenciosa. Ela estava folheando o livro quando percebeu que tinham saído da cidade e entrado em uma área de floresta densa. Resolveu acabar com o filme que já estava na maquina, afinal de contas faltavam apenas duas fotos. Estava com a maquina na mão quando o carro freou bruscamente e ela tirou uma foto acidental do painel do carro.

-Filha da puta!

O motorista britânico olhou para ela assustado.

-Did you see that? It ran into the woods.

-What?

-I think... I think i saw a monster.

Clarice não sabia se ele estava brincando ou não. E resolveu esclarecer a situação por si mesma. Abriu a porta e desceu do carro com a câmera na mão. Olhou para o motorista e ele apontou em direção ao matagal fechado. Nesse momento um grande clarão de luz atingiu o carro. O veiculo explodiu e Clarice foi jogada em uma moita a alguns metros de distancia. Com impacto da queda ela desmaiou.

Quando ela acordou o céu já estava alaranjado indicando o final da tarde. Levantou-se desorientada. Olhou para si mesma procurando ferimentos, encontrou apenas pequenos arranhões. Levantou a cabeça e viu os destroços do carro. Correu até as ferragens: o motorista e tudo que estava no carro estavam carbonizados. Encontrou sua câmera intacta próxima aos destroços e a recuperou. Clarice estava impressionada com a sua capacidade de não entrar em pânico. Tudo que ela queria era entender o que tinha acontecido. O carro explodiu? Não. Ela tinha certeza que viu um clarão chegando ao carro e não o carro explodindo. Lembrou que o motorista viu alguma coisa entrando na floresta momentos antes. Ela andou na direção em que ele havia apontado. Encontrou um rastro de pegadas. Não eram humanas, nem de nenhum animal que ela conhecesse. Poderia ser de um animal da fauna inglesa que ela não conhecia, mas que animal tinha aquele tipo de garras e era bípede? Resolveu seguir a trilha de pegadas. Andou sempre cuidando para não fazer barulho e olhando em volta com medo de encontrar o tal monstro. Após meia hora ouviu um barulho estranho e resolveu se esconder atrás de um tronco caído. Pareciam zumbidos de abelhas, só que mais altos e mais agudos. Começou a perceber que o zumbido não era contínuo. Parecia um tipo de linguagem, organizado em palavras. Palavras não humanas. Seja lá o que estivesse fazendo aquele barulho, estava se comunicando por ele.

Após alguns segundos Clarice conseguiu localizar a direção que o ruído vinha. Isso por que ele estava aumentando de intensidade. Quase como se estivesse se aproximando. Logo começou a ouvir galhos e folhas secas se quebrando com passos. Ele estava se aproximando. Ela tentou se esconder melhor atrás do tronco. Deitada no chão com a câmera na mão viu um par de patas cinza que pareciam se encaixar nas pegadas que seguiu. Elas passaram a pouco mais de um metro dela. Clarice se esticou o melhor que pode, sem sair do esconderijo, para enxergar a criatura por inteiro. Era um humanoide de pele cinza. Seus braços eram longos como os de um macaco, quase chegavam ao chão. Ele carregava uma espécie de walkie talkie que emitia os mesmos ruídos que ele. Ela concluiu que havia mais deles naquela floresta. Lentamente para não fazer barulho ela começou a mexer nas configurações da câmera, focou o monstro. Nesse momento ele deu meia volta e se virou para onde ela estava. A repórter ficou horrorizada com o que viu. A criatura não tinha orelhas e nem olhos, apenas dois furos na face que aparentavam serem narinas. Ela só tinha uma foto no filme, devia aproveitar a chance. Mas decidiu esperar. O enquadramento estava horrível, a foto não ficaria boa para uma possível identificação posterior. Ela não queria que aquilo fosse o novo pé

grande (mais uma criatura registrada precariamente). O bicho se virou novamente e voltou a trilhar o caminho que seguia antes até sumir na mata densa.

Clarice respirou aliviada. Resolveu investigar na direção em que a criatura havia aparecido. Seguiu suas pegadas, agora na direção de que vinham. Andou por 20 minutos na mata. A noite começava a cair quando ela fez mais uma descoberta.

-Putá que o pariu! – ela cochichou.

Era um disco voador. As árvores quebradas em volta dele indicavam que ele havia caído. Ela ouviu aquele zumbido vindo de dentro da nave e logo se escondeu subindo em uma árvore densa.

- São aliens! Putá que o pariu! Aliens! – ela tentava se convencer enquanto subia na árvore.

Já em cima da árvore, pegou a câmera e pensou em tirar uma foto do disco voador. Olhou para o contador de exposições: uma exposição. Ela podia tirar uma foto do disco voador, mas todos diriam que era uma maquete. Ela precisava das criaturas na foto. Se não de nada adiantaria. Esperou e esperou. No breu da noite o extraterrestre que ela tinha seguido a trilha voltou. Ela preparou a câmera. Graças à escuridão ela teria que usar o flash. Sua posição seria revelada. Ela pensou: “Eu não cheguei até aqui para voltar sem provas. Vou tirar essa foto, correr igual uma louca e ganhar o prêmio Pulitzer.”. Esperou até que o segundo alien saísse do disco voador. Com os dois fora da nave, ela focou e tirou a foto. A foto ficou perfeita, ela sabia. O clarão do flash, fez com que os dois se virassem para ela. Clarice ficou paralisada de medo por um instante, mas logo desceu da árvore e começou a correr. A adrenalina chegou a um nível extremo, ela nunca tinha corrido tão rápido e tão desesperadamente. Em certo momento tropeçou, torceu o pé e caiu de cara no chão. Levantou-se e continuou a correr mancando. Não olhou para trás em nenhum momento.

Chegou à estrada de terra novamente. Ofegante e com muita dor no pé torcido se sentou ao lado das ferragens do carro explodido. Estava esperando o seu fim. Os aliens chegariam a qualquer momento para mata-la. Ouviu um estrondoso barulho vindo de dentro da mata. O barulho de uma decolagem. Viu o disco voador levantar voo e ir embora. Respirou aliviada. Ela ia sobreviver. Ela ia sobreviver e ganhar uma porra de um Pulitzer. Levou a câmera à altura do rosto e a beijou. Percebeu que a lente estava rachada. Quando ela caiu a câmera deve ter batido no chão. Checou melhor a câmera. Ela

estava inteira rachada. A rachadura passava pela região onde ficava o filme. Estava tudo arruinado. O filme foi queimado com a pouca luz que entrou pela rachadura.

*\*Conto na década de 60, 70, 80 ou 90 com detalhe de época.*

Estava com meus pais em Porto de Galinhas, aproveitando as férias de verão com a família. Hospedamo-nos em um quiosque de um resort com um grande complexo de piscinas. Hoje vejo que a escolha de um lugar cheio de piscinas era uma estratégia contra a minha energia inacabável da infância.

No primeiro dia de hospedagem entramos na água de manhã e não saímos até a noite. Lembro que já estava bem escuro quando minha mãe veio nos pedir, em um tom ditatorial, para tomar banho. Afinal nós íamos a uma pizzaria e ela não queria que nós dois enfestássemos o lugar com o cheiro de cloro. No nosso quiosque só havia um chuveiro, por isso pedi para que meu pai fosse antes para que eu pudesse aproveitar ao máximo a piscina. Ele me deixou sozinho, o que prolongou a minha diversão por uma hora talvez.

Cansado e enrugado sai da água. Não por que não queria continuar ali, mas por que se minha mãe voltasse para me escoltar para o quiosque ela o faria com fúria. Caminhei molhado pelo resort até achar o meu quiosque. A porta estava fechada porém destrancada. Entrei e percebi que ele estava vazio. Provavelmente meus pais estavam no quiosque alugado pela minha tia. Fui logo tirando a roupa. No box do banheiro percebi que meus pais tinham começado a usar um shampoo diferente do que sempre usaram. Tomei um banho demorado me ensaboando bem para tirar o cheiro de cloro.

Quando sai do Box peguei uma toalha que não era a minha. Com medo de represarias me enxuguei no banheiro e a deixei no mesmo lugar que a achei. Fui pelado para o quarto - afinal eu colocaria a roupa antes que qualquer pessoa pudesse chegar. Abri a minha gaveta e as roupas que estavam lá não eram as minhas. Estranhei bastante, mas pensei que minha mãe podia ter reorganizado o quarto. Comecei a olhar gaveta por gaveta. Procurei minhas roupas em todas elas. Sem sucesso. Eu estava bastante confuso, afinal minhas roupas tinham sumido.

Sentei-me pelado na cama, tentando decifrar o que meus pais poderiam ter feito com minhas roupas e o porquê teriam feito. Poderia ser uma punição por ter ficado mais tempo do que deveria na piscina? No momento essa hipótese começou a fazer sentido. Já havia passado algum tempo e eles não tinham chegado. Será que foram na pizzaria

sem mim como parte do castigo? Pelado e com fome, decidi descer as escadas até a cozinha, pelo menos eu ficaria pelado e de estomago cheio.

Na cozinha havia um par de botas de cowboy no chão. Ninguém na minha família usa esse tipo de calçado. A minha perplexidade se transformou em pânico. EU ESTAVA NO QUIOSQUE ERRADO. Nesse momento eu ouvi vozes e a maçaneta começou a girar. Corri para as escadas e fui me esconder no segundo andar. As vozes de um casal tomaram conta do ambiente. Eu comecei a procurar minha roupa, mas não a achava. Na verdade a roupa estava no banheiro, mas na hora do desespero eu não me lembrava disso. Procurei pelo quarto tentando não fazer barulho. Ouvi passos nas escadas e as vozes começaram a aumentar de volume. Entrei no banheiro, fechei a porta e decidi que iria escapar pela janela.

Passei pela janela com facilidade. Estava nu e pendurado em um cano que acompanhava a parede exterior. Comecei a descer cuidadosamente, mas antes que eu não estivesse mais no nível da janela, vi minhas roupas no chão do banheiro. Entrei de novo e me vesti o mais rápido possível. Essa rapidez foi acompanhada de uma afobação que me fez derrubar um desodorante da pia. O barulho despertou a curiosidade do casal. Novamente sai pela janela, agora ao som de passos em direção ao banheiro. Enquanto descia o cano vi a cabeça de um homem de meia idade na janela, por sorte ele não olhou para baixo e voltou para dentro. “Foi o vento querida.” Ele falou, e eu respirei aliviado. Mas o caminho até o chão foi mais rápido do que o esperado, pois escorreguei no cano e caí de costas produzindo um estrondoso barulho. A cabeça se colocou para fora novamente, dessa vez com o olhar direcionado a mim. Nunca corri tão rápido na minha vida. Quando encontrei o quiosque certo fui interrogado sobre a demora, e falei que resolvi experimentar outra piscina antes de voltar. O gerente do resort viu tudo pela câmera de segurança e avisou meus pais. Minha família explodiu em gargalhadas. Fui a piada pelo resto das férias.

*\*Conto sobre trauma*

## LEIA-ME ANTES DE IR EMBORA

28 dias, 6 horas, 42 minutos, 12 segundos. Isso é quando o mundo acabará. Transmitiram essa notícia no jornal nacional há alguns minutos. Eu ainda estou aqui no sofá como se nada tivesse acontecido. Noticiaram que devido a uma tentativa de viagem no tempo o nosso universo entrará em colapso. E o motivo dessa tentativa? Um experimento bélico. É assim que o mundo funciona. É assim que o mundo deixará de funcionar. Não acho a minha reação apática surpreendente. Na verdade não acho nem que esse fim seja surpreendente. O homem destrói tudo a sua volta por poder e vaidade. Nós somos insustentáveis. Às vezes me pergunto por que eu estou fadado a usar esse traje de humano. Será uma maldição? Ter a capacidade cognitiva de enxergar o quão ridículo é a nossa lógica e ainda assim continuar a segui-la. Nunca renunciei os confortos da sociedade burguesa e fui morar em uma caverna ou tentei lutar contra ela com anarquismo e caos. Apenas fiz o que estou fazendo agora. Sentei no sofá e não me importei com nada.

A reação normal seria o pânico. Mas se você é estranho, vai aproveitar esse momento. Ser estranho é um elogio. Nunca se adequar aos padrões dessa sociedade que vai acabar foi a minha maior contribuição para a humanidade. Nunca tive um relacionamento monogâmico heterossexual. Nunca tive um relacionamento. Nunca quis ser um pai de família. Nunca achei que por mérito do meu esforço eu chegaria ao topo da cadeia alimentar empresarial. Olhando pelos olhos de um robzinho da normalidade minha vida foi feita de fracassos. Dizem que algumas pessoas nascem com tragédia no sangue. Eu nasci com o fracasso. Mas para mim o fracasso é acolhedor. Nada me dá mais ânsia do que os bem sucedidos. A existência de uma pessoa bem sucedida pressupõe a de várias má sucedidas. Mas ninguém se importa com as más sucedidas. Elas não merecem a felicidade e conforto. O coletivo como um todo não é importante, o essencial é o indivíduo. Afinal de contas, sendo parte da espécie que causará o fim de todas as outras por interesses ridículos posso dizer que egoísmo é uma constante.

Muitos vão se matar outros vão passar os últimos momentos com os entes queridos. É tudo uma questão de escolher entre o amor e o medo. Espero que se alguém esteja lendo essa carta, esse alguém escolha o amor. Talvez esse sentimento seja a coisa mais gloriosa que nós já entramos em contato. Eu nunca fui íntimo desse sentimento. Tudo bem, eu conheci o amor nos braços de minha mãe. Mas isso foi muito tempo atrás.

Agora eu sou só um velho rancoroso sentado à beira do limite da existência. Se você por algum motivo entrou em minha casa viu o meu corpo com um buraco na cabeça e encontrou essa carta de suicídio, não perca tempo. Corra atrás dos que te amam. Passe o apocalipse ao lado deles. Como eu disse é só uma questão de escolher entre o amor e o medo.

Uma vez uma velinha me disse que toda criatura na Terra morre sozinha. Eu sei que esse será o meu caso. Minha única companhia será a TV ligada e o revolver em minha mão. Mas esse não tem que ser o seu caso. E eu espero que quando o mundo chegar a seu fim você possa respirar aliviado, por que terá muito o que se esperar do futuro. Destruição é uma forma de criação.

*\*Conto com referência a um filme*

Hoje as alfaces estão agitadas. Disse o cowboy vegano.

*\*Microconto*

## O INQUIETANTE FIM DO MENINO GALINHA

Tudo começou com uma gripe.

A lua de mel comemoravam no Chipre.

Ele saudável e ela doente.

O remédio: uma canja de galinha quente.

A saúde voltou acompanhada da libido,  
e naquela noite concebeu-se um híbrido.

De volta para o Canadá em sua casa  
deu a luz a um menino de asas.

O bebe tinha penas nos braços e no rosto um bico.

Não havia tratamento para o pobre menino rico.

Foi criado escondido  
num quarto escuro e fedido.

Não se adequava à sociedade,  
logo nunca desenvolveu amizades.

Era a vergonha da família por não ser normal.

Para seus pais todo mundo deveria ser igual.

Sua mãe tirava o casaco e o cobria  
para não passar vergonha com quem o via.

No frio do Canadá ela desenvolveu pneumonia.

Agora estava de cama e sofria.

A neve os trancou em casa.

A febre a deixou em brasa.

Não havia como ir à farmácia,  
só uma canja de galinha teria eficácia.

O pai matou e ferveu o filho.

A mãe comeu o garoto com milho.

O menino galinha chegou a seu fim  
e o mundo ficou mais igual, mais normal, mais tedioso assim.

*\*Balada com o título "O inquietante fim do menino galinha" (editado por Bruno Kohler)*

## PROLE E PROLETARIADO

Joaquim é um homem muito simples. Nunca conheceu as regalias da cidade. Ele mora com mulher e o filho em um casebre localizado em uma pequena propriedade de terra. Sua família é muito humilde, os maiores bens dela são a vaquinha Mimosa e seu pequeno bezerrinho Kiko.

Na madrugada de segunda feira ele acorda e se prepara para o primeiro dia em seu novo trabalho: faxineiro na fábrica de automóveis no final da estradinha de terra. Toma café e diz tchau à esposa. Em menos de 15 minutos está na frente da imponente construção cinza. Nunca viu nada daquele tamanho. O prédio é gigante. Ele engole seco e entra no edifício monumental. É recebido por um gerente gordo e calvo com um uniforme azul que o leva ao vestiário e lhe dá um uniforme igual ao que está vestindo. Depois de vestir o uniforme, Joaquim recebe um tour pela fábrica conduzido pelo gerente. O último cômodo visitado é o escritório do presidente executivo. Um lugar luxuoso que contrasta totalmente com o resto da fábrica. Ali o gerente lhe dá um conselho:

-Quando encontrar com o presidente sempre demonstre trabalho. Mesmo que tudo esteja limpo continue a faxina. Nunca faça corpo mole. Ele demite qualquer trabalhador que mostre o menor sintoma de preguiça na hora. Para ele, nós somos todos descartáveis. Como você acha que surgiu essa vaga que você está preenchendo? Ele não liga se você trabalha aqui há vinte anos ou se é seu primeiro dia.

-Como que eu vou saber quem é o presidente? – perguntou Joaquim.

-O presidente é o único que não usa esses uniformes azuis. É um homem baixinho e grisalho, sempre usando terno e óculos bem grossos. Todo dia ele desce no pátio da fábrica perto da hora do almoço pra ver se estamos trabalhando bem o bastante. Apenas continue a fazer suas coisas sem olhar para o lado, como o gado conduzido por um bom vaqueiro. Afinal de contas isso que somos: um gado. E ele é quem decide quem vai para o abate.

Joaquim fica sem resposta, olhando para a cara do gerente com uma expressão assustada. O homem gordo fala:

-Agora que eu já te apresentei a fábrica inteira e te alertei sobre nosso chefe, você pode começar o seu serviço.

As primeiras horas de trabalho se mostram árduas. Julgando que o pátio já estava satisfatoriamente limpo, Joaquim decide se sentar ao lado do maquinário pesado. Com o tempo, ele cai no sono. É acordado aos berros por um sujeito baixinho de terno com a cara vermelha de raiva que só poderia ser o presidente o repreendendo. Ainda sem se levantar e um pouco confuso, Joaquim percebe que um eixo automotivo que está na linha de montagem localizada acima do presidente está se soltando. Sem pensar duas vezes, Joaquim salta no presidente empurrando-o e o salvando de uma morte certa. Ainda no chão, o homem do alto escalão da indústria percebe que sua vida foi salva pelo trabalhador que estava prestes a demitir. Começa a se desculpar pela maneira que estava tratando Joaquim e o convida para almoçarem juntos dizendo que pagará a conta.

O presidente executivo leva Joaquim para uma churrascaria chique no centro da cidade. Na CHOMP CHOMP CHOMP. Ele olha para o presidente.

-O que você está esperando? CHOMP. A carne vai esfriar. CHOMP. Come logo. – o presidente diz enquanto mastiga.

Joaquim prova a carne e sente um prazer imensurável. O alimento derrete em sua boca. Ele nunca tinha comido algo assim. Nada era tão gostoso. Seu paladar acostumado com feijão aguado e carne de terceira foi totalmente surpreendido. Ele devora o prato e no processo deixa de prestar atenção no que o presidente está falando. Tudo que consegue pensar é “Meu Deus, essa carne é muito macia. Ela é divina. Esse sabor é... Esse sabor é... Esse sabor é perfeito.” Quando acaba o prato ele retorna a si. Ainda um pouco embriagado pelo prazer gastronômico escuta o final de mais um discurso do presidente executivo:

-... e é por isso que eu sempre digo: “Na indústria é devorar ou ser devorado”.

O almoço acaba com o chefe falando que vai dar mais uma chance ao empregado. Os dois voltam à fábrica para cumprir com suas determinadas funções. Joaquim trabalha a tarde inteira pensando em como a vitela é gostosa. No final do expediente, ele corre para a casa para contar a esposa sobre seu dia. Chegando a seu lar, decide fazer uma surpresa para a família e diz à mulher que hoje ele vai cozinhar uma comida de gente rica. Não hesita e mata o bezerrinho Kiko na frente de Mimosa. Prepara com todo cuidado a vitela para a família. Durante o jantar, todos elogiam a carne. Em um momento da

refeição, Joaquim vê Mimosa o olhando pela janela e um calafrio sobe por sua espinha. Depois de jantar, tudo volta à rotina: todos assistem à novela e depois vão dormir.

No meio da madrugada, Joaquim tem um pesadelo: ele e sua família estão pendurados em ganchos -como carnes em um açougue- de mãos atadas. Os ganchos se movem, eles estão em uma linha de produção. A linha de produção os leva até o presidente da fábrica. Ele ainda está de óculos, mas agora usa um uniforme azul e porta um facão. O presidente olha para ele e diz:

- Na indústria é devorar ou ser devorado.

O homem baixinho começa a esfaquear a esposa de Joaquim. Ela grita. Ela berra. O som é desesperador. Joaquim percebe que está sonhando. O esfaqueamento para e a esposa fica imóvel morta, mas o barulho dos gritos continua. Ele acorda assustado. Os gritos estão vindo de fora do quarto. Olha para o lado e não vê a esposa. Os gritos param.

-Querida!- ele grita desesperado.

Confuso, ele levanta e acende a luz e tem uma visão aterrorizante. Há muito sangue no quarto. Os lençóis brancos estão manchados de vermelho. No chão e nas paredes há marcas de unha. Sua esposa fora arrastada para fora do quarto. Ele corre para fora do quarto e encontra o corpo da mulher no chão do corredor. Seu rosto, que era belo, agora está desfigurado. Suas roupas estão rasgadas. Ela parece ter sido devorada por uma criatura selvagem. Há várias marcas de mordidas pelo seu corpo. Joaquim começa a chorar. Segura o corpo da mulher com toda a delicadeza como se ela ainda pudesse sentir seu carinho.

-Por quê? Por quê? – sussurra em meio aos soluços.

-AAAAAARRRRGGGGHHHHHHH!!! – um grito de dor e desespero vem de fora do casebre.

Joaquim se assusta com o grito. O casebre cai em silêncio profundo. Ele percebe que o grito poderia ser de seu filho. O recém viúvo larga o corpo da mulher e começa a andar em direção ao exterior da casa. Ele chega à porta e coloca a mão na maçaneta, mas hesita. Percebe que esta escutando um barulho baixo: CHOMP CHOMP CHOMP. Começa a tremer, engole seco e abre a porta. Encontra mimosa com a cara coberta de sangue mascarando o intestino que sai do corpo aberto de Joaquim Junior.

*\*Conto de reversão*

Eu moro dentro de um urso. Enxergo o mundo por seus olhos. Protejo-me do frio com seus pelos. Me expresso por grunhidos ausentes de comunicação. Durmo em uma caverna, longe do conforto de uma cama. O único local para mim na civilização seria uma jaula no zoológico para ser exibido como uma aberração. Não quero ter minha liberdade assassinada em prol de passeios de família nos finais de tarde. A selva é regida pela lei do mais forte e eu sou o predador. Prefiro a solidão e o ar fresco à vida patética dentro de uma sociedade doente.

*\*Conto : Eu moro dentro de um urso...*

Roteiro de assalto com três cenas (repasso do plano, convencimento de um dos membros e expressão sentimental).

## **Insurgência**

### **CENA 1**

INTERNA - SALA DE REUNIÃO - DIA

Quatro homens sentados de frente para um que está de pé.

GABRIEL, QUE ESTÁ DE PÉ, FALA:

- Que bom que todos puderam vir hoje. É o seguinte: o governo brasileiro desenvolveu um protótipo de máquina de lavagem cerebral em massa. Essa informação é ultra secreta, não há cópias do projeto. O seu desenvolvedor foi assassinado semana passada. Ele completou um projeto que vinha sendo pesquisado desde da ditadura militar.

MATHEUS PERGUNTA:

-Isso é horrível, mas chegue logo ao ponto. Por que você reuniu a nossa antiga equipe de novo?

GABRIEL:

Porque nós vamos roubar e destruir essa máquina.

MATHEUS:

Eu já te adianto que não vou participar dessa missão suicida, mas suponho que você tenha um plano. Quero ouvi-lo para não perder a minha viagem até aqui.

GABRIEL:

Sim, eu tenho um plano. Hoje às 20 horas em ponto, o caminhão forte contendo a máquina irá sair escoltado da base do exército e seguirá pela marginal Tiete até o aeroporto. Nós vamos travar o trânsito com um acidente falso. Pegar o carro forte quando com um guindaste quando ele estiver parado e colocá-lo do outro lado do rio. Desse jeito nós livramos da escolta.

MATHEUS:

E os soldados dentro do carro forte? Vamos mata-los? Eles são só garotos seguindo ordens, provavelmente nem sabem o que estão transportando.

GABRIEL:

Eu sei disso. Não vamos mata-los. Vamos furar o carro forte com uma furadeira hidráulica de ultima geração e infestar o seu interior com um gás sonífero. Depois vamos usar a mesma furadeira para entrar no carro e vamos destruir a maquina com pequenos explosivos. A fuga será com motos, cada um ira pra um esconderijo seguro há alguns quilômetros do local. Damos um intervalo de 48 horas para voltar a nos comunicarmos.

MATHEUS:

Tenho que concordar que seu plano pode funcionar, mas onde vamos conseguir esses equipamentos?

GABRIEL:

Eles já estão na sala ao lado: as motos, o gás, os explosivos e a furadeira. O guindaste já está posicionado no local. Quem não está disposto a participar, por favor, se retire agora.

Apenas Matheus se levanta e sai pela porta.

## **CENA 2**

EXTERNA - FRENTE DA CASA - DIA

Matheus anda até o seu carro. Quando pega a chave ouve Gabriel chamando seu nome. Vira-se. Gabriel vem correndo pelo pátio de entrada e chega até Matheus.

GABRIEL:

Espera aí. Eu não esperava que logo você fosse desistir irmão. Eu preciso de você nessa equipe, você sabe disso.

MATHEUS:

Cara eu não posso me arriscar. Nós não temos mais 20 e poucos anos. Eu tenho um filho. Minha mulher morreu ano passado. Se eu for preso ou morrer, o que será do meu filho?

GABRIEL:

Se nós falharmos, em que mundo o seu filho vai viver?

Matheus fecha os olhos e respira fundo.

MATHEUS:

Tudo bem. Vamos logo com isso.

## **CENA 3**

EXTERNA - FRENTE DA CASA - NOITE

Matheus vestido inteiro de preto em cima de uma moto segurando o celular no rosto.

MATHEUS:

Vamos atende, atende. Alo filho, é o papai. Só liguei pra te dizer que eu te amo mais do que tudo nesse mundo. Quero que você saiba que não importa o que aconteça eu vou sempre estar com você. Você é o meu maior orgulho, é tudo pra mim. Se algo acontecer comigo eu preciso que você seja forte. Você vai ficar uns dias sem ter noticia do papai. Saiba que tudo o que eu faço é por você. Eu te amo filho. Tchau.

Matheus guarda o celular no bolso e enxuga uma lagrima. Gabriel chega todo vestido de preto com uma moto a seu lado e coloca a mão em seu ombro.

GABRIEL:

Está na hora velho amigo.

MATHEUS:

Eu sei.

Os dois colocam mascaras de ski. Aceleraram as motos e saem cantando pneu seguidos de três outras motos.

## Síndrome de Globo

### CENA 1

INTERNA - HOSPITAL - DIA

Rita (médica) caminha pelo corredor do hospital conversando com enfermeiro.

RITA:

É o terceiro essa semana. Esse ficou baculciando sem parar sobre Estado mínimo. Antes de perder o controle e te morder. O ultimo antes desse não parava de falar sobre feminazis. Esse termo nem deveria existir.

ENFERMEIRO:

Você não está falando serio né. As feministas querem acabar com a humanidade. São um projeto dos iluminati.

RITA:

Cara eu só posso exercer a medicina hoje porque as feministas lutaram por esse direito no passado.

ENFERMEIRO:

Sua louca! Tá querendo instalar a ditadura gay aqui também? Sua lésbica!

RITA:

O que é isso? Respeite a sua chefe rapaz.

ENFERMEIRO:

Comunista! Vagabunda!

O enfermeiro da um soco nela. Ela cai no chão e ele pula em cima dela. Tenta morde-la, mas é retirado de cima dela por um medico.

### CENA 2

INTERNA - GABINETE DE RITA - DIA

Rita está pensativa sentada em uma escrivaninha com mão no queixo. Ouve uma batida na porta.

Rita:

-Pode entrar.

LUCIANO (medico) entra no gabinete.

LUCIANO:

Você está bem? Eu fiquei sabendo do que aconteceu.

RITA:

O que você acha?

LUCIANO:

Eu não sei o que te dizer. Eu nunca esperaria algo daquele tipo daquele enfermeiro. Ele já foi demitido e o hospital vai processá-lo. Foi tão repentino. Você quer alguns dias de recesso?

RITA:

Eu quero um exame toxicológico e uma ressonância magnética do paciente que eu estava examinando antes do incidente. Luciano ficou perplexo.

RITA:

Não quero uma folga. Eu acho que estamos lidando com algo grande.

LUCIANO:

Eu... Eu vou providenciar.

Luciano sai do gabinete.

### **CENA 3**

INTERNA - GABINETE DE RITA - NOITE

Rita dorme em sua escrivaninha. Luciano entra na sala com papeis na mão.

LUCIANO:

Tenho os resultados dos exames.

Rita acorda assustada.

LUCIANO:

Desculpa, não sabia que você estava dormindo.

RITA:

O que os exames acusaram?

LUCIANO:

O toxicológico não apontou nada.

RITA:

- Então a mordida não foi o vetor.

LUCIANO:

Oi?

RITA:

E a ressonância?

LUCIANO, ENTREGANDO OS PAPEIS À RITA:

Então, eu nunca vi nada igual a isso. Dá uma olhada.

Rita lê rapidamente os documentos.

RITA:

A região cerebral do pensamento crítico está deteriorada.

LUCIANO:

Quais eram os sintomas?

RITA:

Ele foi o terceiro paciente da semana. Todos eram afetados pela cor vermelha. Toda vez que viam alguma coisa vermelha começavam a falar frases sem sentido. Todas essas frases tinham um cunho preconceituoso ou eram de conteúdo político e econômico sem nenhuma base lógica.

LUCIANO:

Hum.

RITA:

Algumas palavras surtem o mesmo efeito do que a cor vermelha. Feminismo, PT, estatais e homofobia são algumas.

LUCIANO:

Você não tem Facebook né Rita? Deixe-me te mostrar algo.

Luciano pega o celular e dá na mão de Rita. A tela do celular mostra manchetes: VENDEDOR É ESPANCADO ATÉ A MORTE POR DEFENDER TRAVESTI, HOMEM É AGREDIDO POR USAR CAMISETA VERMELHA EM DIA DE PROTESTO, GOVERNO LANÇA SLOGAM "NÃO PENSE, TRABALHE", GRUPO PEDE A VOLTA DA DITADURA MILITAR, DEPUTADO PRESTA HOMENAGEM A TORTURADOR, MINISTRO DA JUSTIÇA PROMETE ERRADICAR MACONHA DA AMERICA LATINA e MULHER CONFUNDE BANDEIRA JAPONESA COM SIMBOLO COMUNISTA.

RITA, COM UMA EXPRESSÃO ASSUSTADA:

- É uma epidemia.

Ela se levanta.

RITA:

- Nós precisamos fazer mais testes.

#### **CENA 4**

INTERNA - CORREDOR DO HOSPITAL - NOITE

Rita e Luciano levam uma maca com um paciente pelo corredor vazio.

#### **CENA 5**

INTERNA - SALA DE EXAMES - NOITE

Luciano coloca o paciente na maquina de ressonância magnética e passa pela porta de vidro onde Rita o espera junto a um computador.

RITA:

Vamos passar diferentes estímulos e ver como ele reage.

LUCIANO:

Ok.

RITA:

Vamos começar com as imagens de um programa religioso de uma igreja protestante.

Rita digita no teclado. Uma tela dentro do aparelho começa a transmitir "O Show da Fé". O paciente sorri. Os médicos analisam a imagem do cérebro visto de cima na tela do computador.

RITA:

O cérebro dele está completamente inativo nesse momento. A região do pensamento crítico não está sendo afetada.

LUCIANO:

Vamos mudar o estímulo. Hum. Que tal passar um show do Ney Matogrosso.

Luciano digita no teclado. A tela dentro do aparelho começa a mostrar um show de Ney Matogrosso. O paciente fica irado.

PACIENTE:

Tira essa bixa da minha frente. Vagabundo sustentado pela lei Rouanet. Doutrinador de criancinhas. O que meu filho vai pensar se ver isso?

Rita e Luciano analisam a tela do computador.

RITA:

Que interessante. A região responsável pelo sentimento de raiva se infla e ocupa o espaço antes ocupado pelo pensamento crítico. Nunca vi isso antes.

LUCIANO:

Vamos passar algo que nos da raiva e ver como ele reage.

RITA:

Já sei. Coloca na Globonews.

Luciano digita no teclado. A tela dentro do aparelho mostra reportagem no canal Globonews. O paciente sorri. Rita e Luciano olham para a tela do computador.

RITA:

Nossa! A região do pensamento crítico diminui em um ritmo impressionante.

LUCIANO:

Descobrimos a causa da epidemia. Lamento em dizer que não podemos fazer nada.

RITA:

Nós não podemos ficar sem reação. É o nosso dever como médicos descobrir a cura.

LUCIANO:

A cura, em minha opinião, seria a cultura e o conhecimento. Mas a raiva preserva a ignorância.

RITA:

E se nós impedíssemos a proliferação?

LUCIANO:

Como?

RITA:

Toda a transmissão televisiva do país sai da antena central que fica aqui em São Paulo. São poucas quadras do hospital até lá. Nós podemos destruí-la.

LUCIANO:

E como você pretende fazer isso?

RITA:

Há muitos sites na internet que ensinam a fazer bombas...

LUCIANO:

Você enlouqueceu? Nós somos médicos, não terroristas.

RITA ABAIXA A CABEÇA E FALA:

Você tem razão. Vamos devolver o paciente pro quarto dele e esperar que ele não conte pra ninguém sobre a nossa pequena pesquisa de hoje.

Os dois passam pela porta de vidro e andam em direção ao paciente.

## **CENA 6**

INTERNA - RECEPÇÃO DO HOSPITAL - DIA

Luciano entra no hospital e anda até o balcão de informações. Ele cumprimenta o recepcionista e começa a prestar atenção na televisão que está pendurada na parede a cima do balcão. Olha para o recepcionista e faz uma pergunta.

LUCIANO:

- A Doutora Rita veio trabalhar hoje?

RECEPCIONISTA:

- Não que eu saiba. Ela não chegou ainda pelo menos.

Acontece um estrondoso barulho e o hospital treme. As pessoas entram em pânico e começam a correr e gritar. Luciano olha para cima. A televisão mostra um aviso: "SEM SINAL". Luciano sorri.